

Geração cabeça baixa

- Eu vou querer uma feijoada pequena, *light*, para viagem. Ah! Ia esquecendo, sem torresmo. Obrigado. Dizem os entendidos em gastronomia que não existe feijoada *light*. É feijoada, com carnes gordurosas, e ponto final.

Mesmo assim insisto nessa feita no restaurante das minhas amigas, onde a feijoada é composta apenas de 1 costelinha (maravilhosa!) carne seca, linguiça calabresa, couve, arroz, feijão e uma banana à milanesa. Desconheço outro restaurante onde a banana acompanha a feijoada, mas...

Enquanto esperava montarem a minha encomenda, um casal (par composto por homem e mulher, ou macho e fêmea, conforme esclarecimento do dicionário) entrou e ele perguntou à atendente, se serviam refeições. Diante da confirmação, passaram por mim, e foram sentar.

25 anos era a idade de cada um dos componentes, pouco mais ou menos. Ela mais bonita do que ele. Entraram de mãos dadas.

Sentaram lado a lado. Achei estranho; acho que o certo é um sentar de frente para o outro para conversarem, se verem, oferecer alguma coisinha na boca do namorado/a, enfim, no “meu tempo” era assim que a coisa transcorria.

Pior do que o lado a lado foi o permanecerem calados, cabisbaixos, cada um acessando/lendo/escrevendo mensagens no telefone celular. Não pude perceber detalhes. Talvez até estivessem, se comunicando, mesmo estando ali, quase grudados. Nada mais me surpreende.

Por quase 10 longos minutos demorei alí, e eles não se moveram.

Representantes fiéis da “Geração cabeça baixa” como define um amigo que possui filho adolescente.

Minha encomenda chegou e rapidamente deixei o pequeno restaurante, antes que mais uma parcela do meu apetite fosse embora.

Confesso que situações semelhantes a essa são comuns, não apenas aqui em São Paulo, mas em outras cidades também. Então eu não deveria me espantar, entretanto, de alguma forma, naquele dia fiquei triste...

Talvez fosse fome.

Tomara que sim.

Nelson Di Francesco, maio 2020